

Linguagem e subjetividade: uma análise do impacto cultural das tecnologias de informação na comunicação intergeracional

Language and subjectivity: an analysis of the cultural impact of information technologies on intergenerational communication

Richard Demócrito Almeida

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o impacto cultural das TICs na comunicação intergeracional, considerando como essas tecnologias moldam a forma como diferentes gerações utilizam a linguagem para expressar subjetividades, negociar significados e construir vínculos sociais. O estudo adotou uma abordagem qualitativa, com foco em uma revisão bibliográfica. A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva, centrada na análise de contribuições teóricas e empíricas sobre a influência das TICs nas práticas comunicativas intergeracionais. Este estudo destaca que as TICs são ferramentas na construção de um novo espaço comunicativo, mas que essa transformação exige um processo contínuo de adaptação e aprendizado mútuo entre as gerações. Para que as tecnologias digitais cumpram seu papel de aproximar e integrar, é preciso que haja um esforço coletivo em busca de uma comunicação mais inclusiva e compreensiva, que considere as diferenças geracionais e promova o intercâmbio cultural e social.

Palavras-chave: Linguagem. Tecnologias da Informação. Comunicação Intergeracional.

ABSTRACT

This study aims to analyze the cultural impact of ICTs on intergenerational communication, considering how these technologies shape the way different generations use language to express subjectivities, negotiate meanings and build social bonds. The study adopted a qualitative approach, focusing on a literature review. The research is exploratory and descriptive, focused on the analysis of theoretical and empirical contributions on the influence of ICTs in intergenerational communicative practices. This study highlights that ICTs are tools in the construction of a new communicative space, but that this transformation requires a continuous process of adaptation and mutual learning between generations. In order for digital technologies to fulfill their role of bringing together and integrating, there needs to be a collective effort in search of a more inclusive and comprehensive communication, which considers generational differences and promotes cultural exchange and cultural and social exchange.

Keywords: Language. Information Technologies. Intergenerational Communication.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre linguagem e subjetividade constitui um campo fecundo para investigações que exploram as transformações socioculturais contemporâneas. No contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), essas mudanças adquirem novas dinâmicas, especialmente no que diz respeito à comunicação entre gerações. As TICs têm alterado os

modos de interação social e influenciado a construção de identidades e subjetividades em diferentes faixas etárias, impactando significativamente os processos de mediação cultural.

Para Gabriel (2018), essa transformação digital/social da diminuição do isolamento causada pelos avanços tecnológicos da comunicação também deve ser considerada em nossas vidas, pois causam um efeito sobre o nosso cérebro. As tecnologias digitais foram gradativamente possibilitando uma maior conexão entre as pessoas e se disseminando no cotidiano, o modelo social predominante mudou de centralizado e hierarquizado para distribuído.

De acordo com Martins, Vieira e Tavares (2014), faz-se necessário o reconhecimento e o respeito às variedades linguísticas. Os autores afirmam que essa concepção de língua ou norma padrão abre espaço para o lugar do estereotipado e do socialmente marcado, perpetuando o preconceito linguístico sob o mito de que existe uma única norma. Dessa forma, fazem-se necessários estudos e pesquisas que contribuam para investigar, explicar e promover o conhecimento acerca de tais linguagens, desmistificando a falsa ideia do “falar errado”, tão divulgada, sem respaldo científico.

Nesse contexto, este estudo tem como objetivo analisar o impacto cultural das TICs na comunicação intergeracional, considerando como essas tecnologias moldam a forma como diferentes gerações utilizam a linguagem para expressar subjetividades, negociar significados e construir vínculos sociais.

Para tanto, a pesquisa se fundamenta em um estudo de caráter bibliográfico, com base em literatura acadêmica que abrange teorias sobre linguagem, subjetividade, comunicação e cultura, além de estudos que abordam as mudanças promovidas pelas TICs nas relações intergeracionais.

A metodologia bibliográfica permite uma análise crítica e integradora das contribuições teóricas sobre o tema, favorecendo a identificação de padrões e tensões emergentes nesse campo de estudo. Ao delimitar o foco na comunicação intergeracional, o artigo busca compreender como os aspectos culturais e tecnológicos dialogam com as práticas discursivas e os processos identitários, fornecendo subsídios para futuras pesquisas e reflexões sobre os desafios e as possibilidades da interação humana em uma era marcada pela digitalização.

2 DIFERENTES DIMENSÕES DA COMUNICAÇÃO DIGITAL

O meio digital é o meio das metamorfoses. Na última década a internet se tornou a principal plataforma de comunicação, negócios, entretenimento, relacionamento, consumo e aprendizagem. Esse novo cenário de possibilidades e conexões ampliou o potencial do ser humano, mas também apresentou novos desafios e profundas transformações.

Gabriel (2018) afirma que essa mudança provocada pelas tecnologias digitais vem acontecendo em uma velocidade gigantesca que desafia a sociedade continuamente tanto em termos fisiológicos quanto cognitivos. Nessa junção da tecnologia com o ser humano em um ciclo contínuo retroalimentado durante todo o processo evolutivo da humanidade, nasceu a Era Digital, e que, apesar de importante, não é a primeira e nem será a última. De lá pra cá, em poucos anos, se testemunhou uma explosão da penetração digital e assistentes computacionais nas vidas das pessoas, transformando a sociedade.

Levy (2018) diz que é impossível separar o mundo material (e menos ainda sua parte artificial) dos humanos que os inventam, produzem e utilizam e que tais projetos heterogêneos se reforçam e se alimentam mutuamente. Embora o digital encontre-se ainda no início de sua trajetória, a interconexão mundial de computadores continua em ritmo acelerado e a emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização.

A prensa de Gutenberg não determinou a crise da Reforma, nem o desenvolvimento da moderna ciência europeia, tampouco o crescimento dos ideais iluministas e a força crescente da opinião pública no século XVIII – apenas condicionou-as. Contentou-se em fornecer uma parte indispensável do ambiente global no qual essas formas culturais surgiram. Se, para uma filosofia mecanicista intransigente, um efeito é determinado por suas causas e poderia ser deduzido a partas delas, o simples bom senso sugere que os fenômenos culturais e sociais não obedecem a esse esquema. (Lévy, 2018, p. 26).

Para Gabriel (2018), quando uma revolução tecnológica acontece, se percebe a transformação do que até então era impossível, transformando pensamentos. Neste contexto, a tecnologia tem recriado a realidade, fundando e colapsando civilizações ao longo da história. Incontáveis tecnologias colaboraram para se chegar ao ambiente tecno-info-social da atualidade – como a fala, escrita, telégrafo, telefone, carro, celular, GPS, e cada uma delas contribuiu para o cenário atual, porém, de todas que se foram criadas até então, a banda larga computacional talvez seja a mais importante para a explosão comunicacional de era digital, que se tornou

disponível às pessoas por volta do ano 2000 e se dissemina de forma ampla até os dias de hoje. Essa transformação digital, que até então impactava apenas campos específicos, como educação, *marketing*, negócios, entre outros, passaram a fazer parte de todas as áreas e vida cotidiana.

A recepção de uma mensagem pode colocar em análise diversas modalidades receptivas. O dispositivo digital qualifica a estrutura da mensagem recebida ou o modo de se relacionar com tais elementos da informação. Para Levy (2018), enquanto os meios tradicionais exploram a visão, audição e o tato, as realidades digitais potencializam a cinestesia, ou seja, o sentido interno dos movimentos do corpo. Para o autor, o termo “multimídia” significa aquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação e hoje se refere a uma das principais tendências dos sistemas de comunicação contemporâneos: a integração.

Se a evolução tecnológica se encontra em um ritmo acelerado, a integração de todas as mídias continua sendo uma tendência atual e de longo prazo, e quando empregada para designar uma nova mídia, oferece um modo de relação entre seus usuários formando em certa qualidade de laço social, e isso apenas é possível devido à interatividade.

Para Levy (2018), o termo “interatividade” ressalta a participação ativa de um usuário em uma transação de informação. A possibilidade de reapropriação e de recombinação material da mensagem por seu receptor é um parâmetro fundamental para avaliar o grau de determinada interação.

A interação permite o diálogo, a reciprocidade e a comunicação efetiva e é, portanto, dentro do ambiente do marketing digital, um modelo capaz de gerar uma quantidade quase que infinita de possibilidades. Ao interagir com o mundo digital, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente e quando tais interações têm o poder de enriquecer ou modificar um modelo, esse mundo torna-se um vetor de inteligência e criação coletiva.

Gabriel (2018) afirma que conforme a quantidade de conteúdo disponível no mundo aumenta, proporcionalmente crescem as opções disponíveis para tudo e quanto mais possibilidades, mais tempo é necessário para avaliar cada uma delas e mais complexa de torna a análise comparativa.

As tecnologias digitais configuraram um modelo social que passou de centralizado e hierárquico para distribuído e em virtude dessa facilidade de se conectar com qualquer pessoa, as fontes de informação, publicação e disseminação do conhecimento aumentaram consideravelmente, causando uma explosão de conteúdo.

A forma de comunicação não-hierárquica e o colapso de tempo e espaço inerente do ambiente digital tem impactado o comportamento humano em praticamente todos os aspectos

de suas vidas. Ainda segundo a autora, a gestão da informação, antes hierárquica e centralizada, tem se deslocado em função da tecnologia, ofertando para a sociedade plataformas de informação e comunicação democráticas dentro de um cenário hiper conectado que favorece o fluxo da informação.

Gabriel (2018) complementa ainda que, principalmente neste cenário digital, a internet também permite a organização descentralizada de grupos de interesse e isso dá voz (e poder) para todos, indiscriminadamente, seja qual tamanho do seu grupo, a sua qualidade ou os seus interesses.

Para finalizar a discussão, Levy (2018) aponta que o ambiente digital como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento, pois se trata de um fenômeno completo e ambivalente a partir do momento em que se testemunha largamente sobre esse processo de retroação positiva, promovendo uma automanutenção da revolução do marketing digital.

2.1 Breve estudo das gerações

O estudo das gerações é a análise de um conjunto de descendentes e teve seu início com o fim da Segunda Guerra Mundial com os soldados voltando às suas casas. Para definir o conceito de geração, de acordo com Gabriel (2018, p. 105), “é considerada um grupo de pessoas dentro de uma população que experimenta os mesmos eventos significantes em determinado período de tempo” e é usado desde a antiguidade para identificar grupos de nascimento em circunstâncias culturais e históricas distintas, como forma de diferenciação e comparação.

Por se tratar de um tema complexo e em constante transformação, ainda se faz necessário vários estudos sobre ele. No mundo ocidental, a autora apresenta as principais classificações das gerações dos últimos 50 anos como os *baby boomers* (nascidos entre 1946 e 1964), a geração X (nascidos entre 1960 e início dos anos 1980), a geração Y (nascidos entre 1980 e início dos anos 2000) e a geração Z (nascidos a partir da década de 2000), principal público de estudo desta pesquisa.

Segundo Emmanuel (2020), há algumas controvérsias sobre o período exato que demarca o início de cada geração, pois, por ser um processo, essa transição é fruto de uma mudança contínua, que não se deu de um dia para o outro e entender as principais

transformações comportamentais entre elas se faz necessária aqui, de modo que o ritmo e a origem das mudanças são muito diferentes do que era há décadas.

A primeira geração, chamada de *baby boomers*, segundo Emmanuel (2020), é marcada pelo pós-guerra. Com os maridos voltando para casa, uma série de casamentos, gestações e nascimentos marcaram a era – a geração dos bebês. Os *baby boomers* hoje possuem aproximadamente 70 anos e foram criados em um contexto no qual a estabilidade era sinônimo de sucesso.

A geração chamada de *baby boomers* compreende as pessoas nascidas entre os anos de 1943 e 1963. É uma geração de pessoas totalmente motivadas e otimistas com relação ao trabalho e, devido a serem pessoas nascidas no pós-guerra, se acham na missão de reconstruir um novo mundo. São pessoas que vivem num ambiente corporativo e veem a liderança como sinal de controle da vida profissional. Vestem, de fato, a camisa da empresa e, por causa disso, tem como palavra primordial na sua vida a lealdade. Vivem uma vida dedicada à empresa e passam vários anos em um único emprego. Status e ascensão profissional vêm com os anos de experiência vividos na empresa (Santos et al., 2011).

No Brasil, essa geração foi formada por funcionários públicos, gerentes e diretores de companhias que não buscavam crescimento e realização profissional, permanecendo no mesmo emprego durante toda a vida. Em paralelo a esse contexto, na mesma época se iniciou a busca pela independência das mulheres, que, passando a não depender mais financeiramente de seus maridos, tiveram maior autonomia e poder de decisão. Ainda segundo a autora, seguindo a ordem cronológica, vieram os filhos dos *baby boomers*: nomeados de Geração X.

Já com o início da disseminação da tecnologia, a Geração X fez parte de uma era transitória, se tornando bastante conflitante em sua maioria, pois muitas características foram herdadas de seus pais, como a estabilidade, mas começaram a quebrar alguns paradigmas para a época, como divórcio, sexo antes do casamento e grande independência feminina.

A geração X, nascida entre os anos de 1963 e 1981 e que vieram ao mundo num contexto conturbado de revoluções e revoltas políticas e sociais e presenciou grandes marcos na história como a guerra fria, a queda do muro de Berlim, o surgimento da AIDS e, devido a esse cenário existente, ficou nessa geração um sentimento de patriotismo muito forte. Daí se tem nessa geração uma valorização do trabalho e estabilidade financeira como forma de realização pessoal e material. É uma geração que busca o sucesso na vida pessoal através da construção de família com muita qualidade de vida, tendo o pragmatismo e autoconfiança nas escolhas que faz (Santos et al., 2011).

Os valores mais marcantes desta geração foram o individualismo, ambição e dependência do trabalho, que buscam, por meio deste, a realização de desejos materiais e pessoais. Gabriel (2018) aborda que pessoas desta geração cresceram em um mundo em que a velocidade de mudanças era pequena e se adaptaram a esse ritmo.

Os *Millennials*, ou Geração Y, fruto da Geração X, chegaram para quebrar mais uma vez o paradigma da geração anterior. Emmanuel (2020) aponta que principal diferença entre elas é o sentido da vida. Enquanto a anterior concebia o trabalho, a independência e o sucesso profissional como parâmetros para o futuro.

A geração Y, nascida entre os anos de 1982 e 1996, é uma geração focada nos resultados. São pessoas ambiciosas e de um comportamento instável, porém, são muito preocupadas com o meio ambiente. Caracterizam-se ainda como pessoas coletivas e com um nível de escolaridade maior, gostam de desafios e oportunidades e fazem o trabalho com muita satisfação, buscando aprender. É uma geração aberta à diversidade e aceita isso muito bem (Santos et al., 2011).

Para Gabriel (2018), indivíduos pertencentes a esta geração conseguem lidar melhor com as transformações ao seu redor, pois fazem parte de uma consequência do desenvolvimento tecnológico. Suas principais características são busca por propósito, flexibilidade no trabalho, preocupação com o meio ambiente e causas sociais, facilidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo e gosto por novas tecnologias. Para a geração X, a criação de outras formas alternativas e diferentes de trabalho se faz presente, como competições de vídeo games com altas recompensas, por exemplo.

Com a popularização da internet em 1995, as famílias passaram a ter computadores em suas residências e o acesso à internet se tornou constante. Para Gabriel (2018), essa facilidade de conexão e comunicação através do mundo virtual impulsionou a maior transformação histórica da sociedade nas esferas sociais, educacionais e corporativas, chegando na Era Digital e ao mesmo tempo, no nascimento dos integrantes da Geração Z. A geração Z nasceu junto com os computadores e é a primeira a ter vivência desde muito cedo com a tecnologia de forma extremamente presente:

Desde pequenos já foram familiarizados com o modo operante dos meios digitais, puderam acompanhar toda modernização dos aparatos eletrônicos e já possuem em seu “DNA” as grandes mudanças de comportamento e relacionamento trazidas pela era da tecnologia (Emmanuel, 2020, p. 14).

A geração Z, nascida a partir dos anos 1997 a 2010, não vive sem computador, chats, telefone celular, entre outros, já que nasceu em meio a grande massa tecnológica existente no mundo. É uma geração vista como silenciosa, pois estão sempre com fones de ouvido e fazendo

algo no celular, escutam pouco e falam menos ainda e, com isso, percebe-se um egocentrismo entre os jovens dessa geração, já que acabam se preocupando apenas consigo mesmo (Ceretta e Froemming, 2011).

Essa geração apresenta a maior das mudanças comparadas com as gerações anteriores. Iorio (2019) afirma que os nativos digitais são considerados os mais conscientes porque cresceram em um ambiente favorecido pela tecnologia com acesso ilimitado à informação e não aceitam o que não é verdade.

Essa resistência mudou a necessidade de consumo, pois em meio a um volume de conteúdo muito maior, fácil acesso e múltiplas possibilidades de pesquisa, a consequência gerada é a negação das mensagens de propaganda e marketing tradicionais. Eles são consumistas, mas preferem a experiência, também não se prendem às fronteiras geográficas, buscam um mundo melhor, se preocupam com a sustentabilidade, alimentação orgânica e veganismo.

Embora o perfil traçado para descrever a Geração Z seja presente na maioria dos jovens desta era, ele não consegue ser democrático e não inclui toda a população mundial, pois não há equilíbrio na prevalência do uso da internet no mundo. Emmanuel (2020) relata que, apesar de existir uma população extremamente ampla que vive a realidade e questões sociais e psicológicas deste contexto, não se pode tomar como totalidade.

A competitividade e imediatismo através de ações e pensamentos rápidos é uma das grandes características dos nativos digitais, conseguindo acompanhar o excesso de informações e estímulos recebidos diariamente. Para Emmanuel (2020, p. 18), “essa geração se mostra crítica, dinâmica e exigente, sabe o que quer, é autodidata, não gosta das hierarquias e muda de opinião toda hora”. Assim sendo, a principal diferença da Geração Z para as demais é que esses jovens não conhecem um mundo sem acesso à internet, o que gerou uma relação umbilical hipercognitiva, de acordo com Iorio (2019).

Não sendo foco de estudo deste trabalho, mas que precisa ser inserida no contexto das gerações existentes aborda-se a geração *Alpha*, e que por ainda ser recente, está sendo estudada sob a ótica acadêmica. Para Emmanuel (2020), a Geração Alpha teve o início de seu estudo há pouquíssimo tempo e serão foco de futuros estudos que tratam sobre gerações.

Nascidos a partir do ano de 2010, já nasceram pertencendo a um mundo tecnológico e conectado desde seus primeiros dias de vida, e, portanto, para eles, não existe uma separação entre o “digital” e a “vida real”. Se de um lado, isso gera uma certa aceleração no desenvolvimento cognitivo (como a habilidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo), pode

acarretar prejuízos relacionados com a concentração e paciência, o que acaba mostrando traços de personalidade muito próximos com a Geração Z.

2.2 As tecnologias da informação na comunicação intergeracional

A linguagem fundamenta a essência do ser humano. A partir do seu uso, o indivíduo passa a fazer parte de um grupo e é identificado em uma sociedade. O modo de articular determinados signos, assimilando e transmitindo seus significados, confere ao sujeito suas particularidades dentre seus iguais. Assim, podemos inferir que o ser humano necessita da linguagem para fazer parte do mundo e que se realiza dentro de um contexto social a partir de um fenômeno particular na convivência, como, por exemplo, no meio familiar, escolar ou em outros grupos.

A linguagem enquanto uma prática social é objeto da sociolinguística, que focaliza e estuda as variações linguísticas de um determinado grupo. Bagno (2007) elucida que as variações podem se expressar nos aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais e pragmáticos, podendo ser resultados de fatores socioeconômicos, geográficos, de idade, sexo, grau de escolarização, mercado de trabalho, redes sociais, entre outros.

Preti (1987) considera a diversidade linguística como o principal objeto da linguística. Além disso, a sociolinguística tem enfoque sobre o bilinguismo, o multilinguismo, a socialização do indivíduo pela língua, o controle social e a linguagem, a correlação entre a gramática e a organização de uma comunidade, as variedades linguísticas e a língua oficial, desenvolvimento de códigos substitutivos escritos, entre outros. Assim, com base em Assunção (2016), afirma-se que a sociolinguística está pautada em fatos reais da língua, representando uma situação real de comunicação.

Alves e Mancebo (2006) argumentam que o advento e o desenvolvimento das tecnologias contemporâneas têm transformado profundamente as dinâmicas sociais, influenciando as formas de relacionamento entre os indivíduos e os processos de subjetivação. Essa transformação é sustentada pela lógica digital, que cria um novo espaço de valores e representações culturais, consolidando uma cultura digitalizada que redefine as relações entre os sujeitos e seu entorno.

Os autores destacam que a associação entre o capitalismo contemporâneo e as tecnologias foi determinante para o fenômeno da globalização, acelerando mudanças sociais e

estruturais. Essa integração tecnológica e econômica promove um mundo interconectado, desafiando fronteiras tradicionais e apegos históricos, como apontado por Hobsbawm (1996).

No contexto contemporâneo, os modos de subjetivação refletem a interação entre indivíduos e as múltiplas influências tecnológicas e culturais globais. A variedade de estímulos oriundos desse ambiente globalizado e flexível gera uma proliferação de possibilidades subjetivas, transformando padrões comportamentais e desestabilizando identidades fixas.

Oliveira (2022) destaca a importância da comunicação geracional na era digital, evidenciando como cada geração adota e utiliza tecnologias de maneira única, refletindo suas preferências e valores. Os Baby Boomers preferem plataformas como Facebook e YouTube, que utilizam para se informar, rever amigos e consumir conteúdos relacionados a longevidade e entretenimento. Já a Geração X combina interesses profissionais e pessoais em plataformas como Facebook, LinkedIn e YouTube, sendo atraída por canais como Dr. Drauzio Varella e páginas de notícias.

Os Millennials, por sua vez, se expressam e interagem majoritariamente no Instagram, Twitter e TikTok, valorizando conteúdos de estilo de vida e entretenimento, como o Porta dos Fundos. A Geração Z, formada por nativos digitais, explora uma ampla gama de interesses em plataformas como Instagram, Snapchat, TikTok e Twitch, utilizando influenciadores como Viih Tube para discutir temas que vão de moda a questões sociais (Oliveira, 2022).

Por fim, a Geração Alfa, a mais jovem, cresce em um ambiente totalmente tecnológico, familiarizada com dispositivos inteligentes e aprendizado online, sendo influenciada por pais da Geração Y em escolhas relacionadas à alimentação e consumo. A análise de Oliveira (2022) ressalta que a escolha adequada de plataformas digitais é essencial para engajar cada geração de maneira eficaz, levando em conta suas características e preferências.

A linguagem virtual, segundo Marcuschi (2010), vai além do uso informal das palavras da língua oficial, configurando-se como uma variação linguística própria, conhecida como Internetês, que incorpora gírias, abreviações, emoticons e símbolos. Pereira e Moura (2005) destacam que esses elementos, criados por meio de caracteres como parênteses, dois pontos e colchetes, permitem expressar sentimentos como alegria e tristeza, simulando as manifestações da conversação oral.

Rojo (2012) argumenta que os desafios para os leitores não residem nas características multissemióticas e multimodais dos textos digitais, mas sim no processo criativo dos jovens, que adaptam hábitos e condições de trabalho às novas formas de vida e comunicação no mundo digital. Complementando, Paiva (2016) observa que o uso de imagens, como um coração pulsando, muitas vezes substitui a comunicação verbal direta, enquanto ferramentas como e-

mails, redes sociais e aplicativos de mensagens transformam as práticas comunicativas tradicionais.

Vilaça e Araújo (2016) apontam para um processo gradual de migração de práticas sociais do ambiente presencial para o virtual, com implicações nas formas de trabalho, consumo, educação e interação social. Assim, a linguagem digital traz experimentações e transformações significativas para a sociedade, influenciando comportamentos e relações interpessoais.

A inserção de novos suportes tecnológicos nas práticas de produção de conhecimento trouxe transformações significativas para a produção textual, especialmente pela integração de metáforas e a união de imagens a conceitos. Esse cenário rompe com o modelo clássico de comunicação baseado na lógica emissor-mensagem-receptor, ao introduzir uma nova perspectiva comunicacional fundamentada na lógica da participação-intervenção. Nesse contexto, o receptor deixa de ser passivo e passa a interagir com a mensagem, contribuindo para formas de leitura mais sensoriais e criativas.

A linguagem virtual, característica marcante das novas gerações tecnológicas, não deve ser julgada, mas estudada. Essa prática, ao invés de ameaçar a escrita formal, oferece novas possibilidades de inclusão, diálogo com as diferenças, intercâmbios culturais e compartilhamento de saberes. É especialmente relevante entre adolescentes e jovens, que lideram o uso desse formato de escrita abreviada e simplificada, distanciando-se das normas cultas e regras gramaticais tradicionais, mas explorando novas potencialidades de comunicação e expressão.

Na pesquisa realizada por Morais (2022) foi verificado que, embora os jovens aleguem não perceber a interferência das mídias digitais em seus discursos, a pesquisa revela que as redes digitais moldam ideologicamente a construção de sentidos e influenciam sua participação social. As mídias digitais, ao proporcionar acesso a produtos culturais e conectividade, acabam posicionando esses jovens como consumidores passivos de um mundo hiperconectado, enquanto suas experiências de vida em territórios subalternizados permanecem marcadas por desigualdades.

A coexistência dessas gerações no ambiente digital exige adaptações para promover o diálogo intergeracional. Enquanto as gerações mais velhas buscam integrar-se ao digital mantendo um toque de profundidade, as gerações mais jovens priorizam interações rápidas e visualmente atraentes, redefinindo os códigos comunicativos tradicionais. Assim, a comunicação eficaz entre gerações passa por compreender essas diferenças e explorar os pontos

de convergência, como o uso de tecnologias e mídias digitais como ferramentas de mediação cultural e social.

Nesse contexto, a linguagem virtual, com sua flexibilidade e características próprias, pode funcionar como um ponto de conexão. Porém, é essencial equilibrar inovação e tradição para assegurar que as práticas comunicativas promovam inclusão, diálogo e troca de saberes entre gerações.

3 METODOLOGIA

O estudo adotou uma abordagem qualitativa, com foco em uma revisão bibliográfica, visando analisar o impacto cultural das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na comunicação intergeracional. O objetivo foi compreender como essas tecnologias moldam a forma como diferentes gerações utilizam a linguagem para expressar subjetividades, negociar significados e construir vínculos sociais. A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva, centrada na análise de contribuições teóricas e empíricas sobre a influência das TICs nas práticas comunicativas intergeracionais.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma revisão ampla da literatura, com a seleção de publicações que abordam o impacto das TICs nas práticas comunicativas, as diferenças geracionais na apropriação de tecnologias digitais e as relações entre linguagem, subjetividade e construção de significados no contexto das mídias digitais. Foram analisados textos de autores como Marcuschi (2010), Rojo (2012), Vilaça e Araújo (2016), entre outros, que exploram a linguagem digital e os desafios da comunicação entre gerações.

As referências foram selecionadas com base em critérios como a relevância para o tema do impacto das TICs na comunicação intergeracional, a disponibilidade em formato completo, e a publicação nos últimos 15 anos. Trabalhos que não estavam diretamente relacionados ao tema foram excluídos. A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), categorizando e interpretando os textos e conceitos de acordo com eixos temáticos, como a influência das TICs na expressão de subjetividades, a negociação de significados nas interações digitais e a construção de vínculos sociais entre gerações mediada por tecnologias.

Como o estudo é de natureza bibliográfica, não houve coleta de dados empíricos diretamente com participantes, mas as fontes foram rigorosamente referenciadas para garantir a integridade acadêmica e ética do trabalho. Essa metodologia permitiu uma análise

aprofundada sobre como as TICs transformam as práticas comunicativas entre gerações, evidenciando os impactos culturais e linguísticos no contexto contemporâneo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo ressaltam a importância das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como agentes transformadores na comunicação intergeracional. A análise bibliográfica evidenciou que as TICs, ao moldarem as práticas de comunicação, promovem novas formas de expressão, interação e construção de significados entre as gerações. Essas tecnologias impactam diretamente a maneira como diferentes grupos etários se relacionam, negociam sentidos e criam vínculos sociais, refletindo a adaptação e evolução das linguagens em contextos digitais.

Foi possível perceber que, embora as gerações mais jovens, como os membros da Geração Z e Alfa, possuam maior fluência digital, a comunicação intergeracional ainda é caracterizada por desafios, principalmente no que diz respeito à adaptação e compreensão das linguagens utilizadas nas diferentes plataformas digitais. As TICs, ao mesmo tempo que facilitam a interação, também podem gerar distâncias na forma de comunicar, dada a diversidade de ferramentas e hábitos digitais entre as gerações.

Por outro lado, a revisão teórica sobre a influência das TICs na linguagem digital revelou a necessidade de novas formas de leitura e interpretação de textos e símbolos, que devem ser incorporadas ao ensino e à formação de cidadãos mais críticos e preparados para navegar nesse mundo digital. A utilização de gírias, abreviações e emoticons, por exemplo, transforma o discurso, criando uma nova dinâmica na construção da subjetividade e das relações sociais.

Esse cenário exige um olhar atento para as potencialidades e limitações das TICs na comunicação intergeracional. Se, por um lado, elas possibilitam novas formas de expressão e de aproximação, por outro, a rápida evolução das plataformas e das linguagens digitais pode gerar dificuldades de entendimento e integração entre diferentes faixas etárias. Nesse sentido, é fundamental que as gerações mais velhas se adaptem e entendam essas novas dinâmicas, enquanto as gerações mais jovens desenvolvem uma maior consciência sobre os aspectos culturais e sociais envolvidos nas interações digitais.

Diante do exposto, este estudo destaca que as TICs são ferramentas na construção de um novo espaço comunicativo, mas que essa transformação exige um processo contínuo de

adaptação e aprendizado mútuo entre as gerações. Para que as tecnologias digitais cumpram seu papel de aproximar e integrar, é preciso que haja um esforço coletivo em busca de uma comunicação mais inclusiva e compreensiva, que considere as diferenças geracionais e promova o intercâmbio cultural e social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Priscila Pires; MANCEBO, Deise. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, p. 45-52, 2006.

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros. Os liames entre a sociolinguística e a literatura: análise da linguagem construída no romance um manicaca. **Revista Ininga**, 2016, 3.1.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CERETTA, Simone Beatriz; FROEMMING, Lurdes Marlene. Geração Z: compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente. **RAUnP**, v. 3, n. 2, p. 15-24, 2011.

EMMANUEL, Simone. **Geração Z: quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital**. Rio de Janeiro: Independente, 2020.

GABRIEL, Martha. **Você, eu e os robôs: pequeno manual do mundo digital**. São Paulo: Atlas, 2018.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

IORIO, Andrea. **6 competências para surfar na transformação digital**. São Paulo: Planeta Estratégia, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 13-69, 2010.

MARTINS, M.A.; VIEIRA, S.R.; TAVARES, M.A. **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAIS, Thiago Maciel. **A influência das mídias digitais na linguagem dos jovens: implicações discursivas**. 2022. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2022.

OLIVEIRA, Divaldo. Comunicação Geracional: Engajando do Baby Boomer ao Alfa. **Wedoiti**, 2022. Disponível em: <https://www.wedoiti.com/blog/comunicacao-geracional-engajando-do-baby-boomer-ao-alfa/> Acesso em: dez. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379–399, 2016.

PEREIRA, Ana Paula M. S; MOURA, Mirtes Zoé da Silva. **A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

SANTOS, André Laizo dos. **A geração Y nas organizações complexas**: um estudo exploratório sobre a gestão dos jovens nas empresas. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de (org.). **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016.